

CONCEPÇÃO DO ENSINO NA MODALIDADE EJA PARA O GÊNERO FEMININO NAS CLASSES POPULARES: UM OBJETIVO QUASE INALCANÇÁVEL

Thiciane Maria Nascimento FREITAS (1); Simone Cunha BARBOSA (2); Kleyrrerison Leal MADEIRA (3); Leanne Silva de SOUSA (4); Milene de Kássia Pessoa BATISTA (5)

(1) Graduada do Curso Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí-IF-PI, Praça da Liberdade, 1597 Centro Norte, CEP 64000-040, Teresina-PI. E-mail:

thicy.freitas@gmail.com

(2) Graduada do Curso Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí-IF-PI, Praça da Liberdade, 1597 Centro Norte, CEP 64000-040, Teresina-PI. E-mail:

simonequimica22@gmail.com

(3) Graduado do Curso Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí-IF-PI, Praça da Liberdade, 1597 Centro Norte, CEP 64000-040, Teresina-PI. E-mail: lealkley@gmail.com

(4) Graduada do Curso Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí-IF-PI, Praça da Liberdade, 1597 Centro Norte, CEP 64000-040, Teresina-PI. E-mail:

leannesilva19@hotmail.com

(5) Graduanda do Curso Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí-IF-PI, Praça da Liberdade, 1597 Centro Norte, CEP 64000-040, Teresina-PI. E-mail:

milenedekassia@hotmail.com

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade que se propõe a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência pela oferta irregular de vagas, trabalho ou questões pessoais. É perceptível, no Brasil, a presença cada vez maior da população feminina no mercado de trabalho e nas instituições educacionais. Com isso cresce a discussão sobre a importância da educação das mulheres, em destaque, moradoras de camadas populares. As novas gerações desse gênero transformaram a histórica situação de desigualdade, visível também no campo educacional, os índices de analfabetismo dessa parcela da população sempre foram maiores que os masculinos. Este trabalho se insere no âmbito das pesquisas e nos pressupostos teóricos de autores que se dedicam aos estudos sobre a EJA e a modalidade para o ensino do gênero feminino. A metodologia fundamentou-se com estudantes de turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Unidade Escolar Martins Napoleão, em Teresina - PI. Os instrumentos utilizados foram questionários e entrevista semi-estruturada. Dentre os resultados obtidos, verifica-se que a maioria das alunas enfrentaram condições de vida adversas no que diz respeito às questões de ordem sócio-econômicas e as de determinações sociais de gênero, pois precisam dividir seu tempo entre o trabalho, as tarefas domésticas e família.

Palavras-chave: Educação, EJA, Ensino para mulher.

INTRODUÇÃO

A educação como alicerce para uma formação de cidadãos, é vinculada por vários meios adaptativos a necessidade de cada indivíduo, uma destas é a modalidade de ensino de jovens e adultos que não tiveram acesso no período regular de ensino, onde encontram-se essa oportunidade de ensino-aprendizagem para serem inseridos no campo de pesquisa e produção de conhecimento útil a sua vida.

Diferente dos alunos inseridos no sistema educacional preferencial de etapas, esse público já passaram por todo processo mental e físico que precisa apenas ser trabalhados sem mais perda de tempo, para isso são produzidos currículos adequados para dada situação. Porém mesmo fazendo todo esses processos adaptativos, encontra-se as mulheres, que representa a dona do lar e educadora de seus filhos, estas não possui uma disponibilidade melhor para usufruir dessa oportunidade de crescimento individual, que trará benefícios a si e sua família onde estarão preparada a exercer sua função como cidadã obtendo-se de uma educação para sua sobrevivência atribuindo-se uma qualificação profissional, muitas são formadoras de famílias ou como também trabalham no horário escolar para sustentar-se.

Com a aplicação de entrevista foram demonstradas através de gráficos as respostas dadas as perguntas expressando suas dificuldades dentre as quais: trabalho extra-classe, horário escolar e o apoio familiar.

Baseado nesta pesquisa de campo demonstram-se a dificuldade das mulheres de adquirir e continuar sua vida acadêmica em meio a falta de condições adaptativas, onde é sugerido uma política educacional que trabalhe não somente com as alunas, como também sua família a fim de obter um apoio e compreensão no processo de ensino-aprendizagem.

Visando essa problemática, será necessário que o corpo docente sugira e aplique metodologias adaptativas a esse público, para que não haja evasão e elas não se sintam marginalizadas e incapaz de adquirir educação.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

É perceptível, no Brasil, a presença cada vez maior da população feminina no mercado de trabalho e nas instituições educacionais. Isto ocorre desde meados do século XX, como resultante de alterações culturais e econômicas relacionadas ao desenvolvimento mais recente do capitalismo, que exigiu maior volume de mão-de-obra em diversos setores da economia. Diante desse panorama, cresce a discussão sobre a importância da educação das mulheres, especificamente, a daquelas pertencentes às camadas populares (CARVALHO, 2000). É corrente nos estudos acerca da escolarização do público feminino a constatação de que as novas gerações desse gênero conseguiram transformar a histórica situação de desigualdade, visível também no campo educacional, em que os índices de analfabetismo dessa parcela da população sempre foram maiores que os masculinos.

Segundo NOGUEIRA (2003), essa equiparação e superação vêm acontecendo gradativamente desde 1940, quando o país iniciou o processo de democratização do sistema de ensino. Mas com relação ao segmento feminino de idade considerada jovem e adulta, pertencente à população de baixa renda, essa afirmativa é discutível.

Estudos como o de NOGUEIRA (2003) e ALVES (2006) nos remetem para necessidade de novos trabalhos nessa linha temática, uma vez que as mulheres das camadas populares têm outros obstáculos que as impedem de ter acesso ou de permanecer na escola, além dos já

conhecidos nas diversas pesquisas acadêmicas no âmbito educacional, como os problemas de ordem econômica, social e de aprendizagem.

Ao longo da história a maioria das mulheres teve pouco tempo ou energia para contribuir com a sociedade, além dos confins de seu pequeno mundo da família e dos amigos, funcionando, na maior parte, como apoio, sacrificando seus talentos, seus interesses e sua criatividade. As mulheres analfabetas ou com baixa escolaridade, acabam vítimas de uma sociedade letrada e machista.

As mulheres dos países em vias de desenvolvimento, além de serem presas de todas as condições que oprimem as mulheres dos países mais desenvolvidos do mundo, estão sujeitas a uma carga de fatores adicionais que tornam as suas vidas extraordinariamente difíceis. Para vergonha geral, a maior parte de nossa população global vive em condições de angústia e pobreza.

A educação afeta as condições de vida da população de várias maneiras e é, sem nenhuma dúvida, um dos meios pelo qual as mulheres podem evoluir (e conseqüentemente a vida de seus filhos) acima do interminável ciclo de pobreza e de vidas subsidiadas. Têm-se comprovado repetidamente que uma mãe alfabetizada cria filhos alfabetizados e, por esta razão, são fundamentais os programas de alfabetização de mulheres. Não obstante, a situação é em geral difícil de mudar já que, devido às suas pesadas tarefas domésticas, as mulheres não têm tempo para salas de aula, nem para estudar. Ademais, muitas vezes não têm com quem deixar seus filhos ou seus maridos opõem-se à idéia.

A desconstrução do sistema historicamente opressor em relação à mulher e a conseqüente construção de possibilidades de liberação e autonomia remetem, necessariamente, à educação sistematizada, cujo portal, ainda não acessado por milhões de mulheres no Brasil e no mundo, é a alfabetização.

O acolhimento da mulher, de forma maciça, pelo sistema educacional somente se deu a partir da década de 1940. Com isso, os índices de alfabetização feminina sofrem o impacto da idade, ou seja, as mulheres inscritas nos grupos etários mais idosos apresentam maiores taxas de analfabetismo. Especialmente, na população feminina das camadas mais pobres, com mais de 40 anos, encontraremos os maiores índices de analfabetismo, em comparação com o sexo masculino. (ROSEMBERG, 1994; CARVALHO, 2000).

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento bibliográfico e elaboração de registros por meio de resumos e comentários como suporte à pesquisa. O local escolhido para desenvolver a prática pedagógica foi a Unidade Escolar Martins Napoleão. Localiza-se em bairro periférico e por se tratar de uma escola pública, a comunidade escolar, em sua maioria, pertence à classe social baixa. Apresentando problemas comuns à maioria das escolas públicas, que são freqüentadas pela maior parte da população.

Os sujeitos da pesquisa são constituídos por alunas que apresentam descontinuidade na sua trajetória escolar e estão matriculadas no curso de Educação de Jovens e Adultos - EJA. A seleção das alunas entrevistadas foi feita de forma aleatória, por meio de um convite verbal. A coleta de informações foi feita através da aplicação de questionários e entrevista semi-estruturada, nas dependências da própria escola, onde reconstruiu-se a trajetória da escolarização desse segmento estudantil, oriundos das camadas populares.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Depreende-se que a maioria das entrevistadas encontra-se, hoje, fora do mercado de trabalho e a minoria estão inseridas em algum emprego, mas suas experiências ocupacionais foram marcadas pelo trabalho temporário e doméstico. Elas exercem atualmente a função de dona de casa, sem qualquer remuneração. É notório que as dificuldades históricas de acesso à instrução e à educação formal, representaram para as mulheres, uma completa falta de qualificação profissional fora do lar, o que condiciona sua participação no mundo do trabalho. Assim os afazeres domésticos sempre foram sua obrigação e sua responsabilidade.

Do universo das estudantes, aplicou-se o questionário e entrevista semi estruturada, com um total de 19 alunas nas turmas de EJA do período noturno. Do total dessa amostra cerca de: 21,05% estão na faixa etária dos 15 a 24 anos; 15,8% na faixa etária dos 25 a 33 anos; 26,31% na faixa etária dos 34 a 42 anos e 36,84% na faixa etária dos 43 a 63 anos e a maioria tem filhos na faixa de 1 a 8. Pode-se constatar diante desses resultados que de 25 a 33 anos existem menor número de alunas.

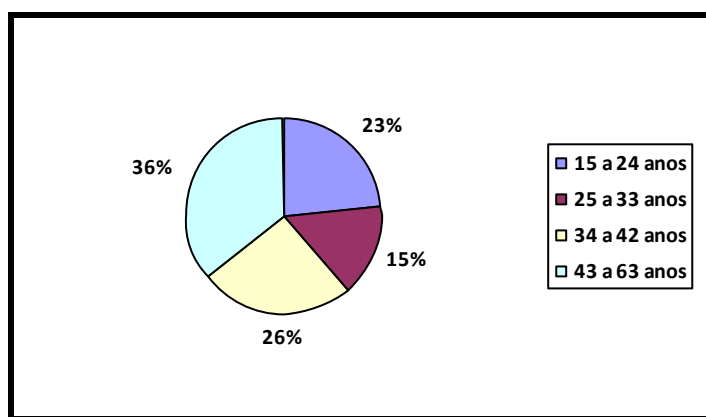


Gráfico1- Faixa etária do alunado

Questionando as alunas se elas trabalham ou fazem alguma atividade fora de casa, 31,58 % responderam que sim e 57,9% que não, e segundo a fala delas, a maioria apontou que não trabalham devido a falta qualificação e 10,53% já estão aposentadas.

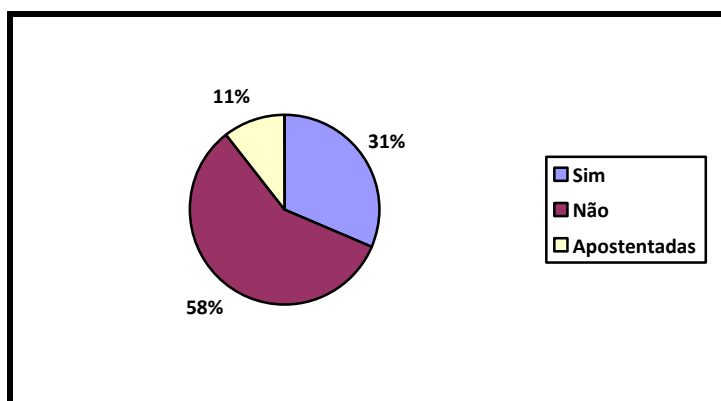


Gráfico 2- Trabalho extra-escolar

Questionaram-se também as estudantes se a sua família apoia os seus estudos, 89,5% responderam que sim e 10,53% que não, segundo a entrevista, ressalta que o apoio venho de si próprio, sem intervenção e estímulo familiar.

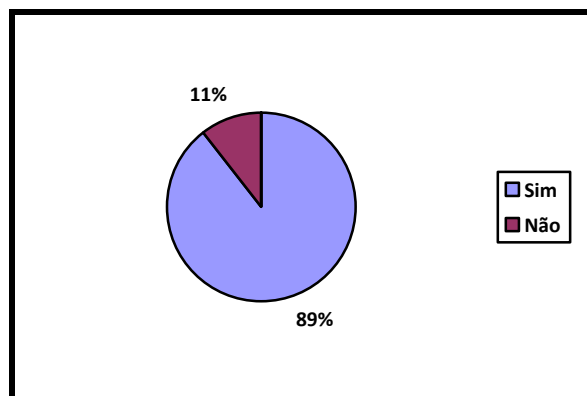


Gráfico 3- Apoio familiar nos estudos

Perguntou-se também, qual a maior dificuldade encontrada no seu processo de ensino como citados em: “ Leitura; compressão de matemática e inglês; não há dificuldade; problemas na escrita; falta de assuntos elaborados”.

Questionando as educandas se a carga horária que exerce na escola é compatível com sua disponibilidade, 100% responderam que sim e 0% que não, segundo a entrevista, embora haver disponibilidade de estudo nesse horário, há a problemática da falta de tempo para se trabalhar os conteúdos mais elaboradamente.

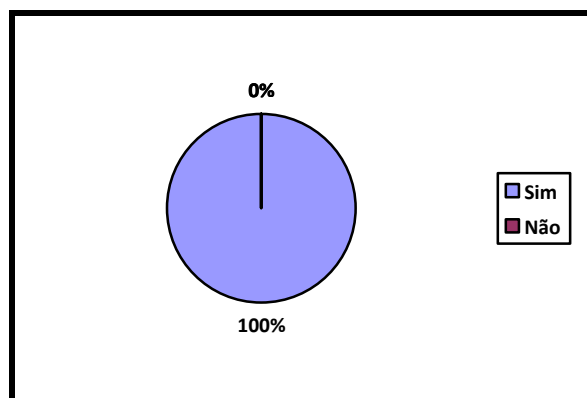


Gráfico 4- Compatibilidade da carga horária dos estudos

CONCLUSÃO

Observou-se ao longo da investigação, como as alunas entrevistadas enfrentaram condições de vida adversas no que diz respeito às questões de ordem sócio-econômicas e as de determinações sociais de gêneros. Foram evidenciados indicadores que comprovam a existência de discriminação referente ao tratamento dado aos gêneros: persiste a desigualdade sexista nas

relações familiares e no espaço educacional, na medida em que as determinações de gênero dificultam a inserção na escola, do segmento feminino das camadas populares.

Nos relatos coletados foram evidenciados as dificuldades de participar regularmente das aulas, o que é um desafio constante, pois precisam dividir seu tempo entre o trabalho fora de casa, as tarefas domésticas e os cuidados com a família. Além de terem que criar estratégias para contornar a pressão vindo dos maridos e dos pais.

Assim, a ausência de uma escolarização completa torna-se uma barreira para sua inserção no mercado nas atividades produtivas no âmbito da indústria, comércio, e setor de serviços e conseqüentemente, na superação de subalternidade que estão submetidas no âmbito familiar, social e econômico.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. E. **Mulheres trabalhadoras, sim. Alunas, por que não?** Estudo sobre gênero, trabalho e educação na Bahia. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2006.

CARVALHO, M. P. **Gênero e política educacional em tempos de incerteza.** In: HIPÓLITO, A.M.; GARDIN, L. A. (Orgs.) **Educação em tempos de incertezas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 137-162.

NOGUEIRA, V. L. Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível de política educacional destinadas às mulheres das camadas populares. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROSEMBERG, F. **A Educação de mulheres jovens e adultas no Brasil.** In: SAFFIOTI, H. I. B; MUÑOZ-VARGAS, M. **Mulher brasileira é assim.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília, DF: UNICEF, 1994. pp 27-62.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente e discente da “ Unidade Escolar Martins Napoleão” pela fonte de pesquisa.